



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

O GÊNERO CARTA DO LEITOR EM SALA DE AULA: CONTRASTE ENTRE USO REAL E USO ESCOLAR

Roberta Rocha RIBEIRO

Dionei Moreira GOMES

Universidade de Brasília – UnB

Resumo: Este artigo pretende discutir, à luz dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2000), a utilização do gênero do discurso carta do leitor no ensino de língua portuguesa. Para tanto, será realizada uma análise, de cunho comparativo, entre duas cartas do leitor. A primeira encontra-se na esfera de uso real, visto que foi redigida por um leitor de *O Popular*, um jornal de grande circulação de Goiânia-GO e, em seguida, publicada no referido jornal. A segunda carta foi escrita por uma aluna de quarta série do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), em ambiente escolar.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Carta do leitor. Ensino de língua portuguesa.

THE READER'S LETTER GENRE IN THE CLASSROOM: A CONTRAST BETWEEN THE ACTUAL USE AND CLASSROOM USE

Abstract: Based on Bakhtin's theoretical assumptions, this article aims to discuss the use of the reader's letter discourse genre for the purpose of teaching Portuguese. In order to fulfill such purpose, a comparative analysis of two texts is made. The first example lies in the sphere of real use: a letter written by a reader of *O Popular*, an important newspaper in Goiânia-GO, and then published in the newspaper. The second example was written by a fourth grade student at the Center for Teaching and Research Applied to Education from the Federal University of Goiás (CEPAE/UFG), in a classroom environment, but not submitted to any reader's letter section.

Keywords: Discourse genre. Reader's letter. Teaching Portuguese.

EL GÉNERO CARTA DEL LECTOR EN CLASE: CONTRASTE ENTRE LA UTILIZACIÓN REAL Y LA ESCOLAR

Resumen: Este artículo analiza, a la luz de los supuestos teóricos de Bakhtin (2000), el uso del género del discurso carta del lector en la enseñanza de portugués. Para tanto, se llevará a cabo

un análisis de carácter comparativo, entre dos cartas. El primer ejemplo reside en la esfera de la utilización real, puesto que ha sido hecho por un lector de *O Popular*, periódico de circulación general en Goiânia-GO, y luego publicado en ese periódico. El segundo ejemplo fue escrito por una estudiante de cuarto grado en el Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), en ambiente escolar.

Palabras clave: Géneros del discurso. Carta del lector. Enseñanza del portugués.

INTRODUÇÃO

Os gêneros do discurso, objetos de estudo amplamente explorados pela Linguística e, sobretudo, pela Linguística Aplicada, são constituintes de uma tendência em que se considera a emergência dos diversos e multifacetados usos linguísticos como eixo norteador das práticas de ensino da língua portuguesa escolar. No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa percorrem justamente esse caminho, com o intuito de sustentar um ensino que contemple o conhecimento, o uso e a reflexão dos inúmeros gêneros existentes nas interações humanas, a fim de desenvolver nos educandos senso crítico, analítico e habilidades avançadas de leitura e escrita.

Rodrigues (2005) afirma que, apesar do Círculo de Bakhtin¹ não centralizar seus estudos no viés ensino-aprendizagem de línguas, suas concepções teóricas, desde os anos de 1980, seguem orientando muitas pesquisas a respeito desse assunto. Isso se deve ao tratamento de questões concernentes à interação verbal, aos gêneros do discurso, ao dialogismo, à polifonia e, também, a alguns comentários bastante pontuais acerca do ensino-aprendizagem de línguas:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações [enunciados] e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, i. é., os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (por que falamos por

¹Segundo Rodrigues (2005, p. 152), Círculo de Bakhtin é uma designação ao grupo de estudiosos russos que se encontravam em reuniões acadêmicas entre os anos de 1919 e 1974. Bakhtin, Voloshinov e Medvedev são alguns dos componentes desse círculo.

enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). (BAKHTIN, 2003a [1952-1953], p. 282-283 *apud* RODRIGUES, 2005, p.153).

Nessa perspectiva, a proposta de gêneros do discurso de Bakhtin (2000) mostra-se adequada para sedimentar a análise pretendida: o contraste entre uso real e uso escolar da carta do leitor. Com isso, refletiremos também sobre as vantagens do uso desse gênero no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na escola. Os gêneros, de acordo com essa visão, estão entrelaçados aos incontáveis modos de uso linguístico. É necessário elucidar, nesse instante, que o filósofo russo Bakhtin é um dos principais teóricos que fundamentam os PCN (BRASIL, 1997).

O recorte escolhido para a realização deste trabalho, que surgiu a partir de reflexões realizadas por Ribeiro (2009), em sua dissertação de mestrado, se justifica pelo fato do tratamento de gêneros, em sala de aula, ser considerado virtual, uma vez que se configura em uma simulação de usos reais. Assim, neste estudo, optou-se por comparar cartas do leitor nessas distintas condições de produção justamente para verificar as semelhanças e diferenças discursivas que esses textos apresentam. E, com isso, será possível também refletir acerca da produtividade da relação entre gênero e ensino de língua portuguesa escolar.

Após essas primeiras palavras, cumpre dizer que o presente artigo encontra-se dividido em três seções: 1) *os gêneros do discurso*, que consiste em uma explanação do arcabouço teórico bakhtiniano; 2) *o gênero carta do leitor*, seção que traz à baila características desse gênero e a análise comparativa de duas cartas escritas em condições de produção diferenciadas e 3) *considerações finais*, com comentários à maneira de remate.

1. OS GÊNEROS DO DISCURSO

De acordo com Bakhtin (2000), as atividades humanas são permeadas pela língua (oral e escrita). E, nesse sentido, os enunciados, com seus componentes (conteúdo temático, estilo e construção composicional), efetivam, em uma materialização única, o uso da língua. Portanto,

os enunciados são meios de alcançar os propósitos comunicativos em situação real de interação verbal.

Dessa forma, os gêneros do discurso estão diretamente ligados à concepção de enunciado: os gêneros são enunciados individuais, em que “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279; grifo do autor). Nos gêneros do discurso é possível visualizar que a própria língua – refletida no enunciado – utiliza alguns *eixos*, de certa maneira, *padronizados*, que se ajustam a cada instante de interação, com o intuito de produzir estratégias comunicativas em qualquer ambiente de interação.

É importante ressaltar que Rodrigues (2005) mostra a relação dialética entre gêneros e enunciados na visão bakhtiniana. Os gêneros e os enunciados se entrelaçam partindo da historicidade dos gêneros e, assim, revelam “a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica), ao tomá-los como seus tipos históricos” (RODRIGUES, 2005, p. 163). Bakhtin (2000) aponta que a diversidade de gêneros é infinita, visto que eles constituem a atividade humana. Nesse sentido, eles são heterogêneos. Logo,

os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior [de cada esfera da atividade humana] (RODRIGUES, 2005, p. 164-165).

Nessa seara, a historicidade é vivenciada em cada experiência da atividade humana, promove novas interações e, conseqüentemente, a heterogeneidade dos gêneros. Bakhtin (2000), com a finalidade de citar diferentes gêneros, elenca alguns: a curta réplica do diálogo cotidiano, a carta, os documentos oficiais, as declarações públicas, a exposição científica, os textos literários, etc. Aqui é válido destacar que o teórico em questão reconhece variadas formas de uma carta. Isso embasa a posição deste artigo em possuir como elementos de análise cartas do leitor escritas em situação real de interação, destinadas para um meio de comunicação, e em sala de aula a fim de investigar como os discursos são produzidos a partir do conhecimento dos usos e fronteiras que permeiam esses textos. O gênero carta se configura como amplo, pois cartas podem ser pessoais, públicas, oficiais, etc. Entretanto, uma

característica em comum elas possuem: a interlocução. A carta é, portanto, um momento de interação em que a participação de dois (ou mais) interlocutores é explícita e desejada.

Dessa forma, em sua proposta discursiva, Bakhtin (2000, p. 289) afirma que a “língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se”. Tal concepção demonstra a multiplicidade de locutores no processo de interação verbal e também critica a ideia de ouvinte e receptor estáticos.

Para Bakhtin, tudo o que se afirma sobre a relação falante/ouvinte e da ação do falante sobre um ouvinte passivo não passa de “ficção científica”, um raciocínio raso que desconsidera o papel ativo tanto de um quanto de outro sem o qual a interação não acontece [...] Todo discurso só pode ser pensado, por conseguinte, como resposta. O falante, seja ele quem for, é sempre um contestador em potencial. (MACHADO, 2005, p. 156).

Conforme Bakhtin (2000), a relação entre os interlocutores encontra-se sedimentada em um dialogismo. O ouvinte não é apenas um receptor de informações; ele pode realizar atitude responsiva ativa (concorda, discorda, etc.) diante de seu interlocutor. Em outras palavras, “o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 2000, p. 290). Logo, a comunicação verbal permite inserções diversas. Nessa orientação, Machado (2005) aponta que as posições falante e ouvinte não são fixas; elas se organizam durante a enunciação de acordo com as necessidades discursivas.

Nessa rede complexa de comunicação, os gêneros do discurso ajustam-se às demandas dos interlocutores. Contudo, dentro da diversidade, cada gênero se constitui a partir de formas relativamente estáveis. “Os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, *fronteiras* claramente delimitadas” (BAKHTIN, 2000, p. 293; grifo do autor).

Machado (2005) destaca a emergência da prosa – na cultura em geral, mas especialmente a partir da emergência do romance – como um grande motivo que impulsionou Bakhtin a iniciar suas discussões sobre os gêneros do discurso considerando o dialogismo: “o dialogismo, ao valorizar o estudo dos gêneros, descobriu um excelente recurso para ‘radiografar’ o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos na cultura” (MACHADO, 2005, p. 153).

A emergência da prosa, segundo Machado (2005), é um processo em que, na arena discursiva, há a possibilidade de se construir debates e opiniões, sem necessariamente polarizar discursos. Nessa linha, o dialogismo viabiliza a produção do enunciado e propicia a produção de diversos gêneros em inúmeras situações de comunicação humana. Isso porque a natureza do gênero se iguala à do enunciado pela historicidade.

Outro fundamento bakhtiniano veementemente importante para a análise pretendida neste trabalho é a polifonia. O pesquisador russo, ao analisar o romance, prevê o dialogismo e apresenta duas modalidades do gênero em tela, a monológica e a polifônica. O romance monológico é traspassado pelas noções de “monologismo, autoritarismo, acabamento” (BEZERRA, P., 2005, p. 191). No monologismo, nos termos de Bakhtin, o autor é o único que pode dominar e reger a consciência, as vozes, o dito. Assim, essa postura está associada a um autoritarismo pautado na ideia de dogma e a um tratamento final que impossibilita os movimentos das personagens, *per si*, em todo o romance. Já a modalidade polifônica permite na prosa romanesca “realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo, polifonia” (BEZERRA, P., 2005, p. 191). Isso significa que o gênero está em contínua elaboração pelo fato das personagens terem/assumirem suas vozes.

Na ótica da polifonia, as personagens que povoam o universo romanesco estão em permanente evolução. O dialogismo e a polifonia estão vinculados à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens, à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada (BEZERRA, P., 2005, p. 191-192).

Portanto, a voz do autor não é soberana em relação às outras. As vozes dialogam entre si e o autor as rege, mas sem controlá-las. A concepção de polifonia discutida por Bakhtin pode ser aplicada em variados gêneros do discurso, não somente no romance. À medida que discursos são ditos, levando-se em conta o caráter dinâmico dos gêneros, vozes variadas surgem para articular, embasar, propor, ratificar as escolhas discursivas feitas por quem enuncia algo dialogicamente.

Assim, com esses aparatos, na seção subsequente serão mostradas as características principais do gênero carta do leitor para, em seguida, analisarmos os dados sob a ótica dos pressupostos de Bakhtin aqui explanados.

2. O GÊNERO CARTA DO LEITOR

Os gêneros do discurso têm sido bastante utilizados como orientações teóricas e metodológicas nas práticas de ensino de língua portuguesa. Esse espectro oferece aos discentes a chance de desenvolvimento da leitura e da escrita de modo associado à realidade social. O arcabouço teórico bakhtiniano supracitado confirma essa posição, uma vez que os gêneros são dinâmicos e heterogêneos.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Assim, cada situação humana, em suas infinitas perspectivas, pede o uso de distinto(s) gênero(s).

Desse modo, faz-se necessário realizar alguns questionamentos: se os gêneros são infinitos e heterogêneos, como o professor de língua portuguesa escolar deve escolher os gêneros que serão discutidos em sala de aula? Os gêneros literários, tão apresentados historicamente em sala de aula como exemplos do que algumas vertentes denominam de “bom uso linguístico”, devem ter preferência nesse processo de seleção? Em primeira instância, o professor precisa analisar o contexto em que atua, observar interesses e necessidades dos alunos para inserir a sala de aula na realidade social. Depois desse reconhecimento, é preciso avaliar a possibilidade de aplicação e o acesso aos gêneros do discurso. Se o professor deseja trabalhar o gênero mensagem em redes virtuais e sociais, ele deve verificar se a escola possui um laboratório de informática e/ou se os estudantes fazem uso, frequentemente, de computadores em casa, em *lan houses* ou têm acesso a *tablets*, *smartphones*, etc.

No que tange à predileção em se trabalhar gêneros literários em sala de aula, é preciso destacar que essa postura é resultado de uma tradição, que toma as obras literárias como únicas fontes do *uso correto* do português. Evidentemente, a literatura é sim de extrema importância no ensino de língua portuguesa, pois é a expressão artística, histórica, sociológica da linguagem. Contudo, não é o único caminho a ser percorrido durante a trajetória escolar. É interessante elucidar novamente que o lidar com a linguagem envolve, nos termos bakhtinianos, infinitas esferas de atividades humanas. Sobre esse assunto, Souza (2005, p. 72) afirma:

Mesmo reconhecendo a validade do uso da literatura de ficção na escola, acreditamos que essa deva dar espaço ao uso de gêneros da ordem do expor e argumentar, por seu amplo uso nas interações diárias e por serem eles extremamente necessários aos alunos no decorrer de toda sua escolaridade [e vida pós-escolar].

O excerto acima prevê que gêneros mais relacionados ao processo de exposição/argumentação encontram-se mais próximos às interações diárias vividas pelas pessoas. Então, nesse sentido, é possível inferir que os gêneros jornalísticos se apresentam como alternativas viáveis e aplicáveis em sala de aula de português. Os jornais fazem parte do cotidiano do cidadão e, “por dar prioridade aos fatos sociais que ocorrem em determinada sociedade, o jornal constitui excelente material didático para o ensino de leitura e produção de texto” (SOUZA, 2005, p. 58).

Assim, a carta do leitor é um gênero que circula na esfera jornalística e também é produtivo para práticas pedagógicas de língua portuguesa, “pois é de fácil acesso, demonstra um contato [dos alunos] com os fatos recentes da sociedade e está escrito em registro formal ou semi-formal do Português” (BEZERRA, M., 2005, p. 208-209). Nessa perspectiva, nota-se que o gênero em questão abrange a expectativa do processo de leitura e escrita: assumir função social efetiva. A autora destaca também que os PCN (BRASIL, 1997) preveem a presença da carta do leitor – bem como de outros gêneros jornalísticos, literários, de divulgação científica e de publicidade – na prática de ensino de língua portuguesa. Tais fatos justificam o recorte escolhido a fim de ser trabalhado neste artigo.

A carta do leitor é uma seção de jornais e revistas que proporciona a interação entre os leitores e o meio de comunicação. Esse gênero propicia às pessoas a chance do posicionamento público sobre qualquer fato. Pela carta do leitor, é possível expressar opiniões, críticas, reclamações, solicitações, felicitações, etc. (BEZERRA, M., 2005). Isso mostra a função social que o gênero carta do leitor possui. Dessa forma, percebe-se que, na confecção de uma carta do leitor, quem escreve utiliza argumentos geralmente de natureza prática, isto é, de acordo com o seu próprio conhecimento de mundo.

Nesse momento, é preciso elucidar duas interfaces desse gênero em uso real: a triagem e a edição. Nesse sentido, os editores podem recortar as cartas do leitor. Tal recorte ocorre devido ao espaço disponível no jornal ou na revista ou pelas ideias defendidas por determinadas mídias. “O que acaba por configurar-se como uma carta com co-autoria: o leitor, de quem partiu o texto original, e o jornalista, que o reformulou” (BEZERRA, M., 2005, p. 211). Esse fato explica a estrutura geralmente curta de uma carta do leitor. Quem escreve já produz o texto condicionado a esse fator ou, então, se a carta estiver longa e/ou em desacordo com a ideologia do jornal, da revista, existem jornalistas prontos a reconstruir os textos².

Com o intuito de solidificar a compreensão e os usos da carta do leitor neste instante, desenvolveremos nossa análise partindo de duas cartas do leitor coletadas pela Prof^a Dr^a Lusinete Vasconcelos de Souza (CEPAE/UFG)³ e cedidas, pela própria professora, para este trabalho. A primeira carta é de uso real e, a segunda, foi escrita em ambiente escolar. A seguir, um dos inúmeros textos da esfera de uso real que a docente em tela mostrou e discutiu com seus alunos de quarta série do ensino fundamental, do ano de 2003, para que eles conhecessem e, posteriormente, pudessem construir textos sob as orientações necessárias que emergem do próprio gênero.

²Essa prática mereceria um artigo à parte, uma vez que a reconstrução de textos nesse caso pode gerar ideias bem diferentes das presentes no texto original. Não vamos nos deter neste ponto por entendermos a sua complexidade e também por não ser esse o objetivo de nosso trabalho.

³A Prof^a Dr^a Lusinete Vasconcelos de Souza atuou, no ano de 2003, na quarta série, como docente responsável pela Língua Portuguesa no CEPAE/UFG. A professora em questão sempre refletiu acerca das relações entre pesquisa e ensino. E um dos resultados dessas reflexões encontram-se presentes em seu livro *As proezas das crianças em textos de opinião*, do ano de 2003.

Salário dos deputados

Nós, trabalhadores, estamos escandalizados com o imoral aumento de 53% concedido aos deputados, pois é inadmissível tamanha insensibilidade em relação às pessoas que vivem com um mísero salário e ainda enfrentam tamanho descaso do Legislativo e do Executivo. Mais triste e decepcionante é ouvir o governador do Estado afirmar que o aumento visa evitar roubo e corrupção.

Se a credibilidade e honestidade das pessoas dependem do tamanho do contracheque que recebem, então ele está liberando professores, policiais e demais funcionários a agir em desacordo com a lei.

ADARCY LUIZ NEVES
Setor Bueno – Goiânia
O Popular, 13/01/2003

A carta do leitor acima, publicada no jornal *O Popular*, em 13 de janeiro de 2003, veículo de comunicação bastante difundido na capital goiana, demonstra a indignação de um leitor/escritor⁴ – Adarcy Luiz Neves – em relação ao aumento de salário dos deputados. Esse acontecimento foi demasiadamente explorado pela mídia na época e resultou em inúmeras manifestações como a supracitada. Adarcy Luiz Neves, na posição de leitor, sentiu-se motivado para interagir com o jornal e, assim, escreveu uma carta com a finalidade de emitir uma opinião a respeito da problemática que envolve os vencimentos dos deputados. Esse fato já se configura como um processo dialógico, uma vez que o leitor não possui posição estática. Em atitude responsiva ativa, Adarcy Luiz Neves ocupa o *locus* de falante, de quem enuncia.

O leitor/escritor referido optou por iniciar o texto com apresentação na primeira pessoa do plural (nós) e, entre vírgulas, utilizou a palavra “trabalhadores”. Isso indica uma generalização de opinião, com os possíveis intuítos: i) diminuição do comprometimento subjetivo com a opinião expressa; ii) argumentação de que muitas pessoas pensam o mesmo (isso acarreta estratégia de convencimento tanto para conquistar os editores no processo de escolha de publicação da carta, quanto para persuadir quem lerá o texto no *O Popular*) e iii) demarcação da condição de trabalhadores, condição vivida pela maioria dos brasileiros. Após essa apresentação de quem escreve, há exposição do acontecimento que motivou a confecção da carta: “estamos escandalizados com o imoral aumento de 53% concedidos aos deputados”. O acontecimento é, então, o aumento concedido aos deputados. Essa exposição traz duas

⁴Leitor/escritor é a denominação escolhida por Fontanini (2002) para se referir ao autor da carta do leitor (ou, em outra terminologia, carta ao editor). Essa denominação se justifica pelo fato de que a carta do leitor, em geral, é construída após a leitura de alguma seção de jornais ou revistas.

palavras fortes: “escandalizados” e “imoral”. O uso do dado numérico “53%” promove um teor de uma verdade sobre o dito pelo falante.

O período posterior, “pois é inadmissível tamanha insensibilidade em relação às pessoas que vivem com um mísero salário e ainda enfrentam tamanho descaso do Legislativo e do Executivo” retoma a demarcação da condição de trabalhadores enunciada na apresentação do leitor/escritor. E, também, é um argumento altamente persuasivo, visto que “inadmissível”, “insensibilidade”, “pessoas”, “mísero salário”, “descaso”, “Legislativo” e “Executivo” são termos e expressões de cunho valorativo e que mesclam diferentes vozes: a do autor da carta; a do senso comum (a imagem construída e repetida, pelas pessoas, de que o trabalhador, no sistema capitalista, é sempre o explorado por trabalhar muito e por receber, em troca, um mísero salário); a do Legislativo e do Executivo. No caso das últimas vozes elencadas, Adarcy Luiz Neves critica justamente o descaso, a falta de ação dessas instituições perante o problema do aumento do salário dos deputados. No entanto, mesmo dentro dessa ausência, existe um vozeamento, isto é, a voz senso comum do ditado *quem cala consente*, o que é tão negativo quanto o silêncio puro.

Outra voz presente no texto publicado em *O Popular* aqui analisado é a voz do então governador de Goiás, Marconi Perillo: “Mais triste e decepcionante é ouvir o governador do Estado afirmar que o aumento visa evitar roubo e corrupção”. Tal assertiva também está constituída de elementos engendrados por valores (“triste”, “decepcionante”) e a fala de Perillo assegura um valor maior: os trabalhadores, sempre injustiçados, não podem contar nem com o apoio moral, de opinião de um governante. Isso viabiliza a relação com diversos discursos, tanto de tom apático (*política é assim mesmo, nenhum político presta*), quanto de caráter transformador (*temos de mudar essa situação, temos de reivindicar nossos direitos, temos de aprender a votar, temos de nos unir como povo e denunciar as más ações com as finanças públicas*).

A carta do leitor em questão é concluída com uma sentença condicional em consonância com a voz de Marconi Perillo. Essa consonância, de base irônica, autoriza professores, policiais e outros funcionários públicos, detentores de vencimentos muito menores do que os dos deputados, a serem desonestos com o dinheiro público. *Salário dos*

deputados atende aos requisitos básicos de uma carta do leitor, pois foi destinada ao jornal *O Popular*, com fins de publicação e explicita a opinião de uma pessoa leitora desse meio de comunicação.

A construção discursiva do gênero se dá pelo dialogismo, pela polifonia, em uma relação dinâmica, heterogênea, entrelaçada por diversos discursos, transformando já ditos em argumentos, em constatações, em verdades, em valores. A heterogeneidade também ocorre no que tange ao gênero. A carta do leitor possui traços de outros textos de opinião, em que a exposição de ideias é permeada pela leitura crítica. Dissertações, resenhas, artigos são alguns exemplos. E, por ser uma carta, existe uma espécie de intersecção com outras missivas, principalmente pelo fato de existir a interlocução entre remetente, no caso o leitor/escritor, e destinatários – editores do jornal e os outros leitores.

Dessa forma, a partir da análise de uma carta do leitor em uso real, investigar o tratamento dado a este gênero em sala de aula torna-se uma atividade pertinente. Nesse sentido, a próxima incumbência deste artigo é demonstrar a experiência vivida por uma discente do CEPAE/UFG ao tecer discursos mediante o uso da carta do leitor. Segue o texto da estudante E. G. S⁵:

Senhores editores do jornal “O Popular”⁶

Sou aluna do CEPAE-UFG estou na 4ª série, mas já aprendi grande coisa, soube através da mídia á invasão no Setor Santo Antônio em um prédio da construtora Fontenelle, nele começaram á morar 27 famílias e cerca de 70 pessoas Sem-teto.

Sei que na vida pessoas conseguem tudo com seu proprio suor além do mais nada é de grasa. Essas pessoas sem teto podiam fazer o mesmo conseguir um enprego e ter um pouco de ajuda do governo como seus programas que começam á reconstituir ás suas vidas.

Muitas vezes algumas pessoas chegam nas sua terras, tipo seu lote, chacara e fazemdas e pedem um pouco de terra e vendem tudo esses é que estão errados deveriam ir pra justiça!

Agradesso á publicação dessa carta ass: E. G. S.
12/02/03

Antes de iniciar a análise em si, dessa carta, cumpre dizer que a aluna não construiu seu texto aleatoriamente, sem um respaldo proveniente das aulas de língua portuguesa. A

⁵Optou-se por não identificar, nesse caso, o nome completo da leitora/escritora porque se trata de uma criança.

⁶A transcrição do texto de E. G. S. obedeceu, fielmente, sua forma original.

Profª Drª Lusinete Vasconcelos de Souza preparou e viabilizou condições de produção favoráveis à prática textual. Ela expôs o gênero considerando sua função social, sua possibilidade de uso real em inúmeras situações de interação que a vida pode exigir. Nessa perspectiva, fez-se imprescindível a utilização de cartas do leitor que, realmente, foram publicadas em um meio de comunicação. Devido ao fato do jornal *O Popular* ser bastante conhecido e de fácil acesso às crianças goianienses, a professora optou por arrolar cartas desse veículo. Outro aspecto importante a ser ressaltado é a seleção temática desses textos. A docente não mostrou qualquer carta do leitor aos seus alunos. Ela escolheu temas que abrangem desde a política (aumento de salário aos deputados, verbas da educação, etc.) até fatos típicos do cotidiano (ataques dos cães de raças tidas como perigosas, uniforme e pontualidade na escola, cuidado com as áreas públicas da cidade, transporte coletivo, etc.). Entretanto, houve todo um cuidado no tratamento desses temas, pois eles foram abordados de acordo com o processo de desenvolvimento, de maturidade e a partir do conhecimento de mundo dos próprios alunos da quarta série.

Depois dessa ressalva, segue a análise da carta do leitor feita por E. G. S. A temática da carta consiste em opinar sobre a invasão de um prédio, realizada por sem-tetos, no Setor Santo Antônio. A estrutura, inicialmente, difere, um pouco, da carta de Adarcy Luiz Neves, pois a aluna demarca, explicitamente, seus destinatários “Senhores editores do jornal ‘O Popular’”. Isso, provavelmente, se deve a uma explicação da professora a respeito da interlocução ser uma característica presente em cartas de um modo geral. Já a apresentação de quem escreve, nesse caso, ocorre de modo mais específico: “Sou aluna do CEPAE-UFG estou na 4ª série”. O período “mas já aprendi grande coisa” demonstra certa preocupação, por parte de E. G. S., em ser ouvida. Crê ela que, apesar da pouca idade, de cursar a quarta série, tem condições de se posicionar em um jornal sobre assunto de adultos. O operador argumentativo “mas”, nos moldes de Koch (1987, 2004), contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias. Os operadores argumentativos, na perspectiva de Oliveira (1999, p. 100), são elementos indispensáveis para a enunciação:

Ducrot, ao formular os princípios básicos da Semântica Argumentativa, chamou de operadores argumentativos a um grupo de elementos da gramática, cujo objetivo fundamental é revelar a argumentatividade inerente a determinados enunciados e direcioná-los a uma conclusão específica de acordo com as condições de uso.

Em “soube através da mídia”, há uma tentativa, mesmo que generalizada, de fazer referência a uma fonte de informação em certa medida confiável, a fim de dizer que o seu posicionamento está calcado em conhecimento prévio. Traz ele aí uma autoridade polifônica:

A autoridade polifônica constitui, segundo Ducrot, o próprio fundamento do encadeamento discursivo. Neste caso, o locutor introduz no seu discurso uma voz responsável pela asserção de P, de modo que essa asserção é apenas representada, e encadeia sobre ela uma segunda, relativa a outra proposição Q, como o faria sobre a própria proposição considerada como uma verdade. (KOCH, 1987, p.149).

Após isso, a estudante revela a situação-problema, a qual comentará no decorrer de sua carta, “á invasão no Setor Santo Antônio em um prédio da construtora Fontenelle, nele começaram á morar 27 famílias e cerca de 70 pessoas Sem-teto”. Aqui, E. G. S. utiliza de dados numéricos (“27 famílias, cerca de 70 pessoas Sem-teto”), bem como Adarcy Luiz Neves, com a intenção de propiciar mais veracidade ao acontecimento a ser comentado.

O segundo parágrafo da carta do leitor da estudante traz uma certeza que não pertence somente a ela: “Sei que na vida pessoas conseguem tudo com seu proprio suor, além do mais nada é de grasa”. A leitora/escritora se apropriou de um discurso bastante reproduzido socialmente: o suor como sinônimo de trabalho. Este é baseado no sacrifício com fins de obtenção de bens materiais. Esse ideário capitalista permite também outros desdobramentos discursivos, como *o trabalho dignifica o homem, quem não trabalha é vagabundo*, etc. Ainda nesse parágrafo, há uma espécie de conselho, de sugestão de atitude aos sem-teto “Essas pessoas sem teto podiam fazer o mesmo conseguir um enprego e ter um pouco de ajuda do governo como seus programas que começam á reconstituir ás suas vidas”. Tal sugestão é um discurso engendrado ao anterior [trabalho como suor]. Contudo, possui o acréscimo da concepção de emprego como solução social, condição crucial para alcançar valores como dignidade e respeito.

Outro aspecto interessante nesse ponto do texto é o lugar do governo. Ele é concebido como a instituição competente para sanar fendas sociais existentes devido ao próprio capitalismo. E a teia formada pelas ideias capitalistas de relações de trabalho, emprego e

governo podem ocasionar, segundo E. G. S., uma redenção social, visto que essa teia pode “reconstituir [...] vidas”.

Nesse sentido, a leitora/escritora continua sua argumentação, levantando a questão dos sem-terra: “Muitas vezes algumas pessoas chegam nas sua terras, tipo seu lote, chacara e fazendas e pedem um pouco de terra”. A relação construída entre sem-terra e sem-teto demonstra que a aluna já consegue estabelecer inferências produtivas e pertinentes. Prova disso é a explícita opinião a respeito dos sem-terra que a garota enuncia. De acordo com E. G. S., os sem-terra vendem o que recebem na Reforma Agrária e, por isso, “esses é que estão errados deveriam ir pra justiça!”. Importa ressaltar também que a leitora/escritora reconhece a justiça como instituição reguladora dos conflitos sociais.

A carta do leitor confeccionada na escola mostrou que a discente regeu diferentes vozes em seu processo textual, partindo da própria heterogeneidade do gênero: sua própria voz, as vozes dos editores, dos leitores, a voz da mídia, dos ideários capitalistas, dos sem-teto, dos sem-terra, do governo e da justiça. Vemos aí um processo polifônico bem construído, pois a dialogia aconteceu, com êxito, justamente por essa regência de vozes bem articulada. E. G. S., com todo o aparato das aulas de língua portuguesa escolar, conseguiu selecionar ditos a partir de outros já ditos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A carta do leitor da aluna de quarta série, de maneira geral, possui estrutura e, até mesmo, estratégias argumentativas semelhantes à carta escrita por Adarcy Luiz Neves. Isso se deve à metodologia adotada pela professora em levar para a sala de aula usos reais do gênero, a fim de fornecer subsídios consistentes aos alunos, no momento de produção de textos. A diferença entre as cartas se concentra mais no que chamamos aqui de fluidez linguística, no tocante ao conhecimento das estruturas textuais, devido ao fato da garota ainda cursar série do ensino fundamental inicial.

Nessa perspectiva, é plausível inferir que E. G. S. se espelhou na estrutura básica do gênero para, assim, conseguir escrever seu próprio texto. Todavia, mesmo com esse espelhamento e com o espectro de produção em ambiente escolar, a carta da estudante não

pode se resumir em um espelhamento banal, puro e simplificado dos textos em uso real. O dialogismo, a polifonia, a heterogeneidade, a seleção dos discursos apresentados comprovam que houve reflexão, leitura, exercício de argumentação, participação das discussões em classe. Logo, o que é denominado virtual por ser feito em sala de aula se configura em uma ponte interessante entre escola e realidade social.

E. G. S., em pleno desenvolvimento de seu processo textual, provou ter atingido, considerando a carta verificada neste artigo, os seguintes propósitos: conhecimento do gênero carta do leitor, em sua função social de oferecer a chance de exposição pública de ideias; aprimoramento do binômio leitura/escrita e capacidade de seleção de argumentos, a partir de seus próprios conhecimentos de mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 208-216.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191-200.

BRASIL. MEC. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FONTANINI, I. Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 225-238.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.
_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

OLIVEIRA, E. G. de. **Operadores argumentativos e marcadores discursivos na língua falada**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 1999. 278p.

RIBEIRO, R. R. **A transitividade em cartas do leitor à luz do funcionalismo**. Dissertação de Mestrado. UFG, Goiânia, 2009. 113p.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

SOUZA, L. V. de. **As proezas das crianças em textos de opinião**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

_____. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 58-72.

Roberta Rocha RIBEIRO

Professora Assistente A da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (LEduCampo-UFMS), doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2009), licenciada em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Católica de Goiás/PUC GOIÁS (2007) e bacharel em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2005).

Dioney Moreira GOMES

Professor adjunto IV do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB), atuando principalmente no desenvolvimento de pesquisas com línguas indígenas, língua portuguesa, língua brasileira de sinais (Libras) e formação inicial e continuada de professores. É também membro associado do Centre d'Études des Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris). Possui licenciatura em Letras pela UnB. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). É, ainda, coordenador do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Letras e líder do Grupo de Pesquisa no CNPq: "Grupo de Estudos Funcionalistas: Gramática, Discurso e Ensino".